

Considerações finais

Nosso trabalho caminhou por trilhas que vêm sendo percorridas há muito pelas comunidades capoeiristas e intelectuais do Brasil. Trilhas imbricadas por interesses que, resumidamente, demonstram o jogo da construção de uma identidade nacional. Tema seminal para aqueles que se propuseram a pensar nossa sociedade, contando com diversas gerações de pesquisadores, amadores e profissionais. Tema inesgotável, apesar de uma suposta suspensão nos acalorados debates promovidos na segunda metade do século XX, preterido pela temática global que invadiu nosso imaginário com o desenvolvimento tecnológico e político vivenciado na virada do milênio.

Essas trilhas que percorremos com o intuito de clarear e organizar certos temas nos instigaram a um movimento constante de revisão. Não pretendemos definir caminhos precisos, mas trilhar em conjunto, não somente com nossos contemporâneos, mas com todos aqueles que por aqui passaram e que hoje fazem parte dessa estrada, como pontos de referência, espíritos que orientam os vivos, ancestrais de nosso pensamento, presentes em nós e em nossa experiência de mundo.

Nesse sentido dialogamos intensamente com os vários textos produzidos sobre capoeira, mas especialmente com o livro de Waldeloir Rego (1968), marco revisitado por diversos autores. Como quase todos, nos embrenhamos na tarefa de falar sobre a palavra capoeira, mas em nosso percurso procuramos não defini-la. Apontamos as diversas definições que lhe foram dadas em diferentes contextos. Trouxemos à baila uma questão muito antiga entre os homens, repostada sobre a mesa das culturas que vivenciaram o período das luzes: a divisão entre os povos bárbaros e os povos civilizados; uma falácia que é constantemente retomada dentro de cadeias dicotômicas de oposição terminológica. Apontamos para a perpetuação das interpretações letradas e sua evolução no pensamento sobre o

outro. Nesse sentido, mostramos como o termo vivencia a própria realidade histórica das terras americanas e seus povos, de sua exploração e colonização pelos europeus – de onde parte o ideal civilizador que nos fornece o centro para o qual todo o entorno se torna periférico. Esse caminho fez ligar o mato e o bandido, o espaço e o sujeito, ambos irmanados enquanto bárbaros, periféricos e insubmissos. Isso, em um primeiro momento que deixará marcas até nossos dias e adiante, mas que paulatinamente foi substituído por uma necessidade de incorporar esse outro, já que os espaços foram sendo ocupados e uma nação pretendeu circunscrevê-los. No jogo das nações, uma identidade foi sendo construída e reafirmada ao longo de gerações. Primeiro a identidade indígena recebeu a preferência, acreditamos que devido a sua originalidade e relativa independência da vida social que se desenvolveu nos centros produtivos onde a administração estava a cargo de homens livres, nascidos sob ascendência europeia; o trabalho estava a cargo de homens escravizados, nascidos sob ascendência africana. Assim, destacamos o caráter histórico de nosso objeto de estudo e a impossibilidade de lidarmos com ele sem considerarmos as transformações ocorridas. Ao mesmo tempo, percebemos a capacidade de nosso objeto em comunicar-se com esse processo, revelando uma percepção própria e as marcas guardadas no período.

Fizemos um recorte justificado pelos desdobramentos históricos que hoje vivenciamos e cujas marcas se sobrepõem dentro de abundante material sobre o tema. Focalizamos os cantos da capoeira mas, antes disso, definimos essa capoeira como aquela praticada na Bahia e cujos registros principais remontam a um período de consolidação de um paradigma. Circunscrevemos assim o período abrangido pelos registros de 1940 a 1969 na cidade de Salvador, Bahia; emanção principal do imaginário capoeirístico que no cerca até o momento, apesar de outras tentativas locais procurarem se desvincular dessa influência. Se em outros aspectos essa influência se torna mais difusa, em relação aos cantos e à musicalidade fica difícil negar tal presença. Nesse sentido encontramos um campo de estudos bastante preciso e coerente, cuja natureza verbal nos permite um diálogo tal qual o que estamos elaborando aqui, partilhando linguagens muito próximas.

Organizamos um cancionário com o material específico e que tem a pretensão de ser completo para o período circunscrito. Apontamos as lacunas que

reconhecemos e esperamos que mais contribuições venham a colaborar com nosso esforço. Baseamos nossa forma de dispor esse material no somatório de nossa experiência em capoeira, com a leitura dos mais antigos artífices e pesquisadores desta arte e com a própria estrutura dos registros com os quais trabalhamos. Procuramos simplificar esse material com o intuito de possibilitar uma leitura em conjunto, sem nos furtarmos à própria indefinição de tal material. Acreditamos que essa seja a principal contribuição dessa tese, fornecer um conjunto datado e classificado sobre os cantos de capoeira, acessível a diversas pessoas que tenham interesse em desbravar e contribuir com o tema.

No último capítulo, “Ecos poéticos dos cantos da capoeira”, ensaiamos possíveis leituras, que só aconteceram graças ao trabalho de catalogação desenvolvido. Essa leitura não se desenvolveu somente a partir da interpretação textual; o texto em questão é maior e mais complexo, ao mesmo tempo que se faz legível nas especificidades de cada momento. Os cantos de capoeira se relacionam com a vida daqueles que os entoam, sendo para isso necessário participar um tanto de suas histórias e do contexto em que se inserem para podermos encontrar parte dos sentimentos, idéias, opiniões e mensagens que esse cancionero expressa.

Construímos uma geografia do imaginário desses capoeiristas, partindo da única ferramenta empregável nessa tarefa, o nosso próprio imaginário, que, ao longo de alguns anos, vem sendo moldado pela participação junto à comunidade de capoeiristas.

Com este mapa, queremos inspirar o desenvolvimento de muitos mais trabalhos voltados para a melhor compreensão da capoeira enquanto fenômeno social e poético de um povo. Abrem-se, também, várias possibilidades de leitura sobre a emergente indústria cultural e do saber, revelando os confrontos entre as perspectivas européias e africanas, senhoriais e escravas, coloniais e pós-coloniais. Avançando na área da produção de conhecimentos, entre as perspectivas centrais e periféricas, que jogam entre si e suas mais diversas relações. Perspectiva muito bem expressa pelo confronto entre o movimento folclórico e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. Tema explorado por Luis Rodolfo Vilhena na tese *Projeto e missão* (VILHENA, 1997).

Consideramos nosso trabalho um fragmento no estudo de redes de comunicação muito maiores, articuladas pela identidade de um povo e de seu imaginário que, ao longo do século XX, serão captados e transformados em bens

culturais de valor comercial. Assim como aconteceu nas ruas de Salvador ou do Rio de Janeiro, quando o próprio imaginário negro, sertanejo e popular passou a ser visto como um espaço a ser loteado e vendido. A ser ocupado para a exploração turística, cultural e social, além de intelectual. Nós, como pesquisadores, participamos desse processo de estatização nacionalista ainda percorrendo o labirinto de nosso próprio sentimento de nação.